JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

PROJECTO FINANCEIRO

—• —

Um projecto do snr. Anselmo d'Andrade, que nós folgavamos de vêr realisado éra o do fundo d'amortisação para a divida publica—embora tudo quanto se tenha dito contra elle, mesmo pelos mais competentes, como por exemplo por Lafitte nas suas *Reflexões sobre o Estado do Credito*.

Ninguem contesta hoje, e sobretudo entre nós, a necessidade de reduzir a divida enorme, que nos embaraça, e que chega a ser um perigo para a nossa independencia ou integridade.

Lafitte, oppunha-se áquella reducção em França, como se sabe, e por isso não queria amortisal-a.

Bem vêmos, que é preciso não diminuir os capitaes activos, mas o emprestimo continuado tambem já não é possivel, nem vantajoso nas circumstancias extremas, a que chegamos.

Ha um meio termo—as operações regulares e constantes, sem determinar rigorosamente quaes sejam, sem excluir esta ou aquella, sem indicar os processos, pois podem variar, não offerecem margem a nenhuma objecção séria, a nenhum argumento, que as condemne.

O governo não deve renunciar a esse projecto,—sempre é conveniente que destine uma parte das rendas para aquelle effeito; ficará habilitado a fazer conversões parciaes, e em momentos opportunos, pois até deve adjudicar ao fundo amortisador um tanto dos emprestimos, que fôr contrahindo.

Com a amortisação poderá sustentar o preço dos titulos, o que não é pequena vantagem; quando mesmo não consiga completamente o fim a que visa,—e na verdade todas as nações teem recorrido a essa medida, e entre todas a Inglaterra, onde tem sido ora suspensa, ora renovada, offerece-nos resultados muito favoraveis, a que devemos attender, ainda que não possamos invocar a paridade entre as condições economicas dos dois paizes.

Foi Pitt, que pela primeira vez praticou em larga escala o systema d'amortisação, a França o estabeleceu em 1816 com uma dotação annual de 20 milhões de francos, no anno seguinte com o dobro—a Russia em 1817, em 1850 elevava-o a 57:337:000 de rublos (um rublo, 800 réis) —Austria desde 1816 a 1829 chegou a uma cifra consideravel—resgatou enormes sommas de divida até 1847 —desde então os embaraços financeiros da Austria foram sempre crescendo, e fizeram baixar os recursos da caixa amortisadora.

Na Prussia foi creado em 1818.

O que tantos governos adoptam não póde deixar de ter algum proveito.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

O Breve—Dominus ac Redemptor

E os governos do seculo XVIII

E' em vão, que se quer attribuir a queda dos jesuitas á influencia dos philosophos nos governos do seculo 18.

Sabe-se que Voltaire era amigo do duque de Choiseul, e comtudo nem sequer podia viver em Paris á sombra d'este ministro. Vindo da Prussia, foi residir perto de Genebra, e depois em Ferney,na raia franceza, e só ousou apparecer na capital em 1778, anno em que morreu, e quando a companhia já tinha soffrido todas as suas desgraças.

O exterminio e a suppressão canomica dos jesuitas não são factos obscuros, cujas causas se ignorem, e quando para elles contribuisse a supposta influencia dos philosophos, nada d'ahi se seguia, que attenuasse o descredito resultante d'esses factos; toda a questão está na sua justiça ou injustiça.

Em França quem verdadeiramente os promoveu foi o parlamento de Paris, alta magistratura, politica, administrativa, e judicial, que tinha a faculdade de negar o registo aos decretos do rei, e assim exercia no antigo regimem um poder moderante.

O que perdeu os jesuitas foi a analyse das suas constituições, que apezar de dois seculos d'existencia não haviam ainda sido approvadas pelo estado.

O motivo, que determinou essa analyse foi um pleito da Ordem com dois negociantes—e o motivo do pleito a letra de cambio do jesuita Lavalette, superior das Missões na Martinica, sacada sobre o jesuita Sacy, procurador ou thesoureiro em Paris.

Os credores allegaram, que segundo as constituições a Ordem era solidaria nas suas dividas.

Foi esta por isso intimada a exibir em juizo as suas constituições—sobre as quaes o parlamento dirigiu ao rei um relatorio, appoiado pelo procurador geral da corôa, Ripert de Monclar, onde se pedia que fosse abolida.

Revelado o segredo das constituições, até ahi mal conhecidas, a opinião exaltou-se contra os jesuitas.—Era curioso como toda a gente desejava saber por seus olhos o que eram essas theorias outr'ora tão combatidas pelo grande Pascal—*o probabilismo, as restricções mentaes, o peccado philosophico, as capitulações da consciencia* etc., etc. Os livros d'Escobar e de Molina inundaram por fim os gabinetes dos nobres, as lojas dos burguezes e até os camarins das damas.

Decidiu o parlamento receber o recurso á corôa (apel comme d'abus) interposto pelo procurador geral contra a *Bulla—Regimini*, na qual Paulo 3.º confirmou a companhia de Jesus—e foi esta julgada offensiva da autoridade da egreja, dos concilios, da santa-sé, e dos soberanos, condemnados os livros dos seus theologos e moralistas, principalmente os do cardeal Bellarmino, por sua doutrina sediciosa, opposta á moral christan, homicida, que põe em perigo os cidadãos, e a pessoa sagrada dos monarchas, doutrina que sempre os jesuitas professaram; foram entregues á mão do algoz para queimar publicamente as obras de 24 dos mais famosos mestres da Ordem—e ao mesmo tempo publicavam-se em 4 volumes os *Extractos das Asserções Perniciosas* contidas n'essas obras.

Já um seculo antes o parlamento condemnara e mandara queimar em 1610 o livro de Marana.— De Regee, o de Bellarmino, que affirma o poder indirecto dos pontifices sobre os soberanos, o de Santarelli, approvado pelo geral, que se intitula, de *Hae resi* etc.—onde vem defendido o direito de destronar os principes herejes, *de os punir temporariamente*, e desligar os vassalos da fidelidade jurada, e em 1644—a *Defeza* da Fé Catholica, pelo jesuita hespanhol Suarez, que tambem affirmava como *permittido e louvavel* o assassinio dos monarchas discordantes do credo romano.

(Memor, Cronol. e Dogmat. do anno de 1610—tomo 1.º—pg. 113, e 142, o anno 1614—pag. 195).

Em 1762 outra sentença do parlamento de Paris passa em revista os decretos dados a favor como contra a companhia—os primeiros para mostrar, que sempre os violára, os segundos para mostrar, que dera sempre motivo às mesmas desordens:—no seu contexto enumera longameute as doutrinas impias e corruptas, que ensinara a companhia como religiosas — por ultimo formula em 5 artigos o modo d'executar a suppressão completa—e todos os parlamentos das provincias a reprodusiram!

Emquanto ao rei se escolhia os jesuitas para confessores, era como uma garantia da vida: os dois que então desempenharam aquelle papel, Perousseau e Desmavets recusavam-lhe os sacramentos por não affastar da côrte a marqueza de Pompadour, a altiva mais intelligente favorita, que em politica o dirigia e parece que dominava. Era de esperar, que uma tal inimiga juntasse os seus esforços aos do parlamento, e assim foi.

Com tudo Luiz 15 não os supprimiu sem primeiro tentar uma reforma que com instancias reclamou ao papa, mas Clemente 13 foi demorando a resposta, e o rei impaciente convocou uma assembléa de bispos para assentarem as bases.

Na sua grande maioria os bispos, em vez de apresentarem a reforma, approvaram as constituições da ordem, apenas cinco proposeram que fosse sugeita á jurisdição dos prelados—mas o de Joissons, esse declarou-se abertamente pela supressão—o rei adoptou o conselho dos cinco por julgar um meio termo aceitavel—mas o parlamento negou-se a registar o decreto real n'este sentido, e Luiz 15 retirou o.

Foi então que Choiseul se lembrou d'um accordo, o mais rasoavel, que podia imaginar-se, e que consistia em ser eleito um subchefe da companhia com residencia em Paris, o que aliaz as constituições auctorisavam: mas o geral não o acceitou, proferindo essas sabidas e memoraveis palavras, que bem exprimem o orgulho, ou a confiança na sua força —«Sint ut sunt aut non sunt.»

Esse accordo proposto por Choiseul, o ministro amigo dos philosophos, prova mais uma vez que estes não influiram na queda dos jesuitas, pois era o meio de ficarem subsistindo.

Entretanto a Inquisição de Roma condemna a pastoral do bispo de Soissons contra muitas proposições extrahidas dos livros dos jesuitas—e o parlamento condemna o decreto dos inquisidores romanos.

O arcebispo de Paris censura os actos do governo, e os magistrados denunciam ao rei o arcebispo como faccioso, tirano dos subalternos, e só notavel por escandalos e vexames, e sem mais esperarem respondem lhe baninido da area da sua alçada quatro mil loyolas—e Luiz 15, vendo os condemnados diversamente pelos parlamentos, iguala os na pena, supprimindo-os, mas consentindo que permaneçam dentro do paiz.

Foram os parlamentos, e sobre todos o de Paris, inimigos dos philosophos, e especial de Voltaire, que promoveram a queda da Ordem—e os motivos aquelles que temos exposto com outros, de que ainda trataremos.

Em favor dos jesuitas, e como prova de que não suscitarem conflictos com os bispos, invoca se o caso da assembléa convocado por Luiz 15 approvar as constituições e dizer maravilhas da sua moral e do sua theologia.

Não se admittem as provas in directas contra as directas—Nada vale o concelho dos bispos contra a analyse das constituições e das doutrinas—contra textos, que todos os olhos podem lêr, e todas as consciencias avaliarem.

Que importa o que nos diz L'Homond da assembléa, que importa que a chame augusta e respeitavel o autor de umas historias minusculas da egreja e da Religião, e de duas grammaticas, uma franceza, outra latina, onde se lhe deve ter posto *rosa* em logar de *musa*?

L'Homond não é um critico, é um homem simples, professor no collegio *do Cardeal du Maine*, e que recebia uma *subvenção da assembléa do clero*.

O respeitavel d'essa assembléa não consiste no numero e brilho das mitras, mas devia consistir nas idéas, no valor e justiça da causa defendida dor ella

O clero francez, ao lado de Luiz 14 na declaração de 1680 agora em 1763 estava ao lado do papa e dos jesuitas!

E porque?

Porque os governos se empenhavam todos em privar o clero das immunidades e previlegios abusivos, de que até ahi gosava.

Era por politica e por interesse —Vejam que respeitabilidade!

Como eram augustos os sentimentos que o dominavam!

Lourenço d'Almeida e Medeiros

OS AMIGOS

Amigos, cento e dez ou talvez mais.
Eu já contei. Verdade que eu sentia:
Suppuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes!

Amigos, cento e dez tão serviçaes,
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que já farto de os ver, me escapulia
A's suas curvaturas vertebraes.

Um dia adoeci profundamente;
Ceguei. Dos cento e dez tive um sómente
Que não desfez os laços quasi rotos,

Que vamos nós (diziam) lá fazer?
Se elle está cego não nos pode vêr!...
Que cento e nove impavidos marotos!

Camillo Castello Branco.

Outras cartas ao sr. Theophilo Braga

SOBRE O

"Firmamento„ e o "Noivado do Sepulchro„

XXI

Quem leu o *Echo do Captiveiro*, poesia original de Soares Passos, aqui reproduzida, decerto apreciou os altos, *calados e insaciaveis* ideaes, que animavam o seu estro; nós vamos pol-os em relevo.

1.ª ESTANCIA

Que tristeza quando penso nos povos em servidão, gigante imenso rugindo humilde no chão: o rugido e a humildade brigam entre si—diz o poeta, que *assim* pensa comsigo, e *maldiz a campa de jazigo*, que peza sobre as nações (lembrou-se do *Noivado*, vê-se que o Echo do Captiveiro é posterior a 1854)

Quantas vezes eu maldigo
Essa campa de jazigo

Campa de jazigo? Sem nada mais que explique a imagem, parecera dislate, se não servisse para só dar aviso do ideal insaciavel, *calado*, que n'ella se occulta.

Quantas vezes as deploro
Quantas estremeço e choro,
Ouvindo o ranger sonoro
Dos teus pesados grilhões!

Contenta-se com ouvir o *ranger sonoro* dos grilhões com deplorar, estremecer, e chorar muitas vezes.

2.ª ESTANCIA

Ouvindo tão tristes queixas (sem dizer quaes para não desmentir o sr. Falcão)

Retumbando por esse ar,
Tantas sentidas endeixas
Sobre a terra a suspirar

As tristes queixas retumbam pelos ares (gongorismo), mas as sentidas endeixas suspiram sobre a terra, o poeta continua ainda a ouvir á humanidade

Um gemer de saudade,
Que solta *na immensidade.*

Já não é só no ar, nem só na terra, mas na *immensidade*, que solta os seus gemidos, devia ficar tudo aturdido mas, não senhor, geme.

Sem a escutar ninguem!
O poeta faz excepção

Porque ouve á malfadada,
De seu filhos rodeada,
«Suspirar» abandonada,
Como «supira» uma mãe!
(Mamãi)

Se a humanidade está abandonada, é porque ella mesma se abandona. Quem queria que lhe valesse?

3.ª ESTANCIA

E' triste a scena que vejo!
E' triste, mas eil-a ahi...
Aquem sophismas, sem pejo,
Ferreas algemas alli:
De um lado povos trahidos,
Pelos seus escarnecidos,
Soltam queixas e gemidos,
Que ninguem quer acolher
D'outros povos humilhados,
«Sob um jugo» avassalados,
«Por um peso» recalcados
Que nem ousam gemer...

De um lado são tudo queixas, que retumbam no ar, endeixas que suspiram pela terra, gemidos na *immensidade*, algemas de ferro, grilhões sonoros; por outro um jugo, e um pezo a recalcarem os povos avassalados que não gemem, e no meio das queixas, das endeixas, e dos gemidos, Soares de Passos deplora, estremece e chora.

Como isto é chato e miseravel!

4.ª ESTANCIA

Pobre raça deserdada, que ahi suspiras em vão, quando has-de ter entrada na terra da promissão e em toda a parte ha-de o mundo contemplar-te semelhante a um homem só?

A raça e a humanidade, o *mundo* tambem, e o *semelhante a um homem* só, nada aqui significa porque não pode ter o mesmo sentido que na ideia de Paschal, quer o poeta dizer *todos os homens n'uma condição igual*. Quando teremos a humanidade a contemplar-se a si mesma como um homem só? se não é asneira, parece-o.

Quando raiará o dia de cessar tua agonia, quando terás alegria erguendo a fronte do pó? de certo que ha-de ser um dia alegre, qnando erguer a fronte do pó para se contemplar como um homem só.

5.ª ESTANCIA

O desterro, eia ó triste, acabará, que esse jugo vil de ferro em pedaços cahirá.

Tudo repetições, e estamos na 5.ª Estancia ainda a raça humana a gemer, ainda algemas ou jugos de ferro!

—Desterro? onde?

Esgota o calix inteiro do teu duro captiveiro, o calix do captiveiro?

Porem do solo estrangeiro fita ao longe a redempção?

E' imagem incongruenta, que a historia dos hebreus fornece sem ligação nem na ideia nem na frase com o que antecede.

Esta crença, força e vida, nos corações mal contida, pode acaso ser retida? acaso pode? pode? Não!

Qual crença? mal contida? que não pode ser retida?

Uma crença?

6.ª ESLANCIA

Debalde tentam retel-a porque a corrente caudal hão de magestosa vela transpor o dique final: qual corrente? que corrente caudal é essa a transpor o dique final?

A crença sabemos que em vão tentam detel-a, mas a razão não se intende.

—Tudo no mundo descansa, nada progredindo avança.

(Não são bons symptomas da corrente caudal)

Mas em seguida:

Tudo avante se abalança n'um eterno caminhar...

—Haverá maior contradicção ou desconchavo?

Depois o poeta manda fitar o sol e as estrellas, e pergunta

—Podeis, loucos, fazel-as parar?

Esta pergunta sem nenhuma relação justa nem racional com o assumpto. é que é louca, e risivel.

Dar como prova de não se poder obstar á *corrente caudal* o movimento do sol e das estrellas, como se *o progresso humano, que mal se subentende* lhe fosse comparavel sob algum aspecto, só o faria o espirito *insaciavel* do Sr. Passos.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida e Medeiros

ARIANISMO (VOLTAIRE)

II

O peor que houve, foi a perseguição. que começou acabado o concilio; mas, quando Constantine o convocou ainda não sabia que partido tomar, nem a qual devia oppôr-se.

Apezar de estar á frente dos christãos ainda o não era, porque não estava batisado, e acabava de mandar edificar em Roma o templo da concordia. Que Alexandre d'Alexandria, Eusebio de Nicomedêa, ou o padre Arius tivessem ou não razão, nada lhe importava.

Na carta citada está bem evidente o profundo desprezo que tinha por esta controversia.

Succedeu, porem, o que se vê, e sempre se verá, os inimigos dos chamados depois arianos, accusaram Eusebio de Nicomedia de ter em outro tempo abraçado o partido de Licinio contra o imperador: *Tenho muitas provas d'isso*, diz Constantino na sua carta á Igreja de Nicomedêa, *pelos padres e diaconos de seu sequito que eu prendi*, etc.

Assim pois, desde o primeiro grande concilio, a intriga, a argucia, a perseguição, estabeleceram se com o dogma, sem minorar a sua santidade.

Constantino deu as igrejas dos que não acreditavam na consubstancialidade aos que n'ella cream, confiscou os bens dos dissidentes em seu proveito, e serviu-se do seu poder despotico para exilar Arius e seus partidarios, que então não eram os mais fortes. Disse-se até que com a sua authoridade privada condemnou á morta todo aquelle que não lançasse ao fogo as obras d'Arius, mas não foi assim. Ainda que este imperador prodigalisasse o sangue humano, não levou a sua fereza até este excesso d'absurda demencia, de mandar matar pelos seus algozes o que ficasse com um livro heretico, elle. que deixou viver o heresiarca.

Tudo na côrte mudou em breve muitos bispos inconsubstanciaes eunucos, mulheres, fallaram em favor d'Arius, e conseguiram que fosse revogada a ordem de prisão.

O celebre Eusebio, bispo de Ceserêa, conhecido pelas suas obras, escriptas sem grande discernimento, accusava com vigor Eustacio, bispo de Antiochia, de ser sabellino: e este accusava aquelle de ser ariano. Foi mandado reunir novo concilio em Antiochia, e Eusebio ganhou a causa sendo Eustacio deposto, e offerecida ao vencedor d'este bispado o que não aceitou.

Constantino que tinha reprehendido Arius por não crer que o filho fosse consubstancial, exilou por suavez Eustacio pelo contrario.

S.to Athanasio, então bispo d'Alexandria, não recebeu Arius n'ests cidade, para onde o tinha o imperador mamdado, dizendo «que Arius estava excommungado, e que por isso não devia ter casa, nem patria, nem comer e dormir em parte algumas; que era preferivel obedecer a Deus do que aos homens.»

Houve logo outro concilio em Tyr, e dadas novas ordens de prisão. Athanasio foi deposto pelos padres de Tyr, exilado para Tréves pelo imperador. Assim foram Arius e Athanasio condemnados alternativamente, por um homem que ainda não era christão.

(Continua) *Clara de Miranda*

Erratas

ARIANISMO

Onde se lê—bellingerantes, queira ler-se— belligerantes; onde se lê— acelerado. queira ler-se scelerado.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Dizemos desconfiança, porque Miguel logo viu que todo este trabalho e temeridade não serviam para encurtar caminho—podia ser malicia do aventureiro para lhe experimentar as forças, a habilidade, a coragem, ou uma tentativa de fuga. E d'isto se ia convencendo, quando, ao cabo de meia hora d'um extraordinaria trajceto se acharam no fundo d'uma barroca que Miguel reconheceu, por tel-a costeado, subindo-a com seu tio quando se dirigiam a Nicolosi. Não quiz fazer essa observação, mas parou involuntariamente um instante a ver a cruz de pedra junto da qual Destaltare déra um tiro na cabeça, e passeando os olhos em torno de si, viu o bloco de lava negra que Frei-Angelo lhe tinha mostrado de longe e que servia de monumento funebre ao chefe de bandidos.

Distava uns tres passos e o Peccinino dirigindo-se a esta rocha, acabava de parar com os braços cruzados, na atitude de quem toma o folego.

Que idéa seria a do filho de Castro-Real, ao fazer uma travessia tão perigosa e inutil, para passar junto do tumulo de seu pai? Podia elle ignorar que era ali onde estava a sua sepultura? Ou pezar-lhe-ia menos calca a terra que escondia os seus restos, do que passar perto da cruz, testemunha de seu suicidio?

Miguel não ousava interrogal-o sobre este tão delicado e triste acontecimento; parou tambem, e selencioso, buscava na sua mente a causa da commoção que tivera, quando ha duas horas, Frei-Angelo lhe descreveu n'este mesmo sitio o fim tragico do Destastore. Conhecia-se o bastante para dizer que não era pusilanimidade, nem superstição, e n'este momento estava socegado; sentia apenas uma especie de magoa e de indignação perante o aspecto do joven bandido, encostado á fatal rocha, riscando serenamente o fuzil para accender novo cigarro.

«Sabeis a historia que está ligada a esta pedra? lhe pergunta inesperadante o extraordinario mancebo; e o que se passou ao pé d'aquella cruz, que d'aqui parece dividir a lua em quatro?

—Sei, responde Miguel friamente, e supponha que o ignorasseis.

—Ah! tambem sois como Frei-Angelo? volveu o aventureiro com ar desprendido; é objecto de vosso reparo, que ao passar aqui, não pouse os dois joelhos em terra, a recitar algum *oremus* por alma de meu pai? Para comprir essa formalidade classica seriam precisas tres crenças que eu não tenho: a existencia d'um Deus; a immortalidade da alma; e que as minhas orações possam alliviar ou fazer algum bem á de meu pai, caso esteja soffrendo um castigo justo. Pareço-vos impio, não é assim? Aposto em como o sois tanto como eu, e que se não fôra o respeito humano, e uma certa conveniencia hypocrita. ao que toda a gente, incluidas as pessoas de espirito, julga dever humilhar-se, dar me-eis toda a razão?

—Nunca me submetterei a conveniencias hypochritas, de qualquer genero que sejam. Creio sincera e firmemente que ha um Deus, uma alma immortal, e no valor da prece.

(Continua).

Clara de Miranda.

GAZETILHA

—«Aqui d'el-rei»... a roleta!—
—«Aqui d'el-rei»... a batota!—
E n'isto consiste a trêta
Do protesto do *janota*!

Do *janota* e mais d'aquelles
Que de aspecto venerando
Pelos *outros* (não por elles!...)
«Aqui d'el-rei» vão gritando.

—Aqui d'el-rei!»—mas porquê?
—«Aqui d'el-rei?»—Ora cêbo!
Certas coisas ninguem vê
ou eu então não percêbo!

Esses que tanto protestam
Contra a batota e rolêta,
Só porque o jogo detestam
Cáem lá todos... á prêta!

Se ganham... cantam victoria,
Se perdem... *moita carrasco*!
E depois a mesma historia:
—«*Que o jogo lhes causa asco* ...»—

Coisas do mundo! Afinal
Deixar correr o marfim...
Corra bem ou corra mal,
Ha-de correr sempre assim.

A vida é isto:—uma trêta,
Uma simples cambalhota:
A vida é como a rolêta...
A vida é como a batota...

Subtil.

O BLOCO

A «Patria» espantou-se, em forma, com a nossa descoberta da organisação d'um *bloco*, para as futuras eleições municipaes.

E commentou a nossa asserção, dizendo: *Se não é um grito de consciencia, foi um sonho mau.*

Eis uma confissão expressa; e só nos temos a elogiar, á parte a modestia, de termos colhido tão sons resultados do fim a que alvejamos.

O tal *bloco* é uma realidade, se o não fôr effectivamente, pelo menos é-o em projecto.

A «Patria» quer affirmar que elle não existe, mas reconhece a necessidade de elle se constituir.

Nem outro pode ser a interpretação á sua affirmativa, de que o tal *bloco* nos causava *sonhos maus* (vulgo pesadellos) ou nos obrigava *a consciencia a gritar*.

Se a consciencia grita, ha uma causa.

E preparando o *bloco* vão adoçando pilulas amargas.

Tolinhos!!!

Agora tambem nos espantamos nós com tres pontos de *espantação*.

Pois, com satisfação para nós e de certo para a «Patria», segundo crêmos, podemos garantir-lhe que, por cá, ha uma tranquillidade de espirito invejavel.

Não ha, absolutamente, nada, que nos possa incommodar a não ser as indiscripções involuntarias do collega, sobre factos que nunca deviam transparecer fóra do escriptorio do orgão d'um partido.

Nós já não temos a mesma responsabilidade, pois nunca ninguem nos deu tal honra.

•

A má vontade da «Patria» para comnosco ainda se manifesta, mais, contrariando a verdade.

Assim é que diz, que o nosso original só pode ir para a typographia nas sextas-feiras, e portanto, quando affirmamos, que tivémos o prazer de cumprimentar o snr. administrador do concelho, no sabbado, esse facto resultou de combinação da vespera.

Mau e injusto. O snr. administrador comparece na administracão, todas as vezes que isso se torne necessario por virtude dos seus deveres, por cujo cumprimento é zeloso.

Não acceita imposições nem combinações de ninguem, nem nós eramos capazes de lh'as fazer nem tinhamos auctoridade nem relações para tanto.

Porém, é tal a consideração que por elle, temos e tambem pela verdade e justiça, que quando vimos uma accusação injusta não temos duvida em gastar uns reaes, para transmittir noticias pelo telegrapho.

Foi o que se deu e que se dará esta semana, que tambem durante todos os dias tivemos o prazer de vêr o Snr. Administrador na sua Secretaria, que com a sua costumada *amabilidade*, (que a «Patria» quer que seja unico apanagio dos subalternos,) nos recebeu.

O *ôsso* de que falla, não é dos de *roêr*, mas dos de *engasgar*.

Sente-se mas é invizivel e impalpavel.

E ter paciencia, na certeza de que nós não somos os culpados.

NOTICIARIO

TEMPO

O sabio meteorologista Vieux Mayor acaba de publicar o seu boletim relativo ao mez de agosto. Diz elle que o tempo pouca differença fará. Continuarão as borrascas, os ventos desabridos, umas trovoadasinhas á mistura e sensiveis alterações barometricas. De

quando em quando fortes calores. e suffocantes ventos lestes, seccos e abrazadores para, em seguida, a temperatura descer.

Está mais que certo. Esse Vieux Mayor sabe do seu officio, e, se se deita a adivinhar, tem palpites tão certeiros que, se fosse a Monaco, estouraria as bancas.,.O tempo, n'estes ultimos dias, tem obedecido com uma exactidão mathematica ás indicações do illustre Borda d'Agua francez... Trez ou quatro dias d'um calor asphyxiante e logo a seguir, bruscamente, vento fresco, nevoa e chuva. Diziam os antigos que «em agosto frio no rosto.» Mas isso era no tempo em que as estações se succediam regularmente; e que em abril a velha queimava o carro e o carril e em maio se comiam as cerejas ao borralho..

Agora não ha nem março nem abril nem maio nem agosto. Ha isto que se vê, para regalo dos nossos bronchios e do nosso rheumatismo..

PESCA

A pesca predominante, na semana finda, foi *cavala* e *petinga*, mas em pouca quantidade.

O XUÃO

O ultimo numero (75) d'este explendido semanario encontra-se completamente exgotado; prophetisamos que ao n.º 76 o mesmo succederá pois a pagina central é o complemento da antecedente, isto é, o desespêro do Mattos perante aquella magnifica pagina que fez enorme successo.

Aconselhamos os nossos leitores a não deixarem de obter este numero, pois a dita pagina é digna de figurar n'um quadro para recordação da celebre beijoca.

Tanto as outras paginas de caricaturas, como a parte litteraria (onde se destaca um brilhante artigo do nosso amigo José do Valle) e a humoristica são devéras interessantissimas.

THERMAS

Partiram, na passada segunda-feira, para Luzo, afim de fazerem uso das aguas, os nossos patricios e amigos, os srs. Mario Tarujo Larangeiro, Alvaro Valente d'Almeida e Fernando Arthur Pereira.

NECROLOGIA

Falleceu a Snr.ª Roza Rodrigues Perfeito, esposa do Sr. João Gomes Leite, e irmã do Snr. João Rodrigues Valente Perfeito, importante commerciante em V. N. de Gaia,

Os nossos pesames á familia enlutada.

DR. FIDALGO

Acha-se já restabelecido do abalo produzido pela quéda, que soffreu, como noticiámos no ultimo numero, o que registamos com satisfação.

RIFA

A rifa d'uma salva de prata, que se achava destinada para, no domingo passado, se realisar, no theatro, em beneficio do cofre da misericordia, foi addiada, sem dia marcado, em razão d'um protesto levantado quanto á forma do sorteio.

SUICIDIO

Suicidou-se, no dia sete do corrente mez, lançando-se do tabo-leiro superior da ponte D. Luiz, ao rio Douro, no Porto, o snr. João Lopes Valente, filho do nosso patricio e amigo o snr. José Augusto de Pinho Valente, conceituado negociante em Gaia, e sobrinho dos tambem nossos amigos José Maria e João de Pinho Valente.

A familia do infeliz rapaz, enviamos os nossos sentidos pesames.

VOZ D'ANGEJA

Acaba de completar mais um anno de publicação este nosso presado collega, ao qual desejamos longa vida e prosperidades.

Maximas de D. Sebastião

Prover os cargos e officios em quem fôr para isso e não por outros respeitos.

Não desmaiar nas difficuldades antes ter maior fé e confiança em Deus.

Tirar a cobiça.

Mostrar sempre animo liberal e não acanhado.

Gabar os homens e cavalleiros que tiverem bons procedimentos diante de gente, e os que tiverem prestimo para a republica, e mostrar aborrecimento ás cousas a ella prejudiciaes.

Não dizer palavras que escandalisem, maiormente quando estiver agastado.

Os meus embaixadores andarão sempre vestidos á portugueza.

Em todas as cousas que fizer, terei primeiro conta com a honra de Deus.

Serei pae dos pobres, e de quem não tem que faça por elles.»

Taes fôram as maximas que meditou antes de governar, e por onde se dirigiu depois El-Rei D. Sebastião.

Visconde de S. João Nepomoceno.

FESTIVIDADES

Tem logar, nos proximos dias 21 e 22 do corrente, a festividade a S. Domingos, na sua capella, no logar do Sobral, d'esta freguezia d'Ovar, constando no dia 21 á noute, de illuminação e musica, e, no dia 22, de manhã, de missa solemne a grande instrumental, sermão e procissão, e, de tarde, arraial.

Tomam parte as duas phylarmonicas, d'esta villa, a dos «Bombeiros Voluntarios» e a «Ovarense».

— Realisa-se, tambem, no dia 29 do corrente, a festa do Coração de Maria, na egreja matriz, constando, de manhã, de missa com exposição do S.S. e, de tarde de vesperas, sermão pelo Rev.º João Domingues Cyrne, abbade de Pedrozo, Gaya, e procissão.

Toma parte a phylarmonica «Ovarense».

CAES DA RIBEIRA

Por despacho com data de treze do corrente, concedeu o governo o subsidio de 400$000 reis para obras de reparação e desassoriamento do caes da ribeira de Ovar.

O snr. Dr. Joaquim Soares Pinto, illustre Presidente da Camara, havia feito chegar ás instancias superiores o estado de ruina e de navegalidade d'aquelle braço da ria d'Aveiro, sendo attendido nas suas justas reclamações que foram patrocinadas com o maior interesse pelo ex.mo governador Civil d'este districto.

D'esta forma, é que, se zelam os interesses do concelho.

E nós, como amigos da nossa terra, só cumprimos um dever, declarando-nos reconhecidos, por mais este beneficio recebido.

Kalendario popular em ditados

Lá vem agosto com os seus santos ao pescoço.

—Primeiro dia de agosto, primeiro dia de inverno.

—Em agosto, aguilhoa o preguiçoso.

—Queres ver teu marido morto? dá-lhe couves em agosto.

—Quem não debulha em agosto, debulha com mau rosto.

—A quem não tem pão semeado, de agosto se faz maio.

—Em dia de S. Lourenço vae á vinha e encherás o lenço.

—Por Santa Maria de agosto repasta a vacca um pouco.

—A terra lavrada em agosto á estercada dá de rosto.

—Agua de agosto, açafrão, mel e mosto.

—Quando chover em agosto, não mettas teu dinheiro em mosto.

—Não é bom o mosto colhido em agosto.

—Agosto tem a culpa, setembro leva a truta.

— Agosto madura, setembro vindima.

—Luar de janeiro não tem parceiro; mas lá vem o de agosto, que lhe dá de rosto.

—Cava e esterca em agosto, do lavrador alegra o rosto.

—Em agosto toda a fructa tem seu gosto.

—Agosto e vindima não vem cada dia.

—Agosto, frio em rosto.

—Em agosto sardinha e mosto.

—Nem em agosto caminhar nem em dezembro marear.

—Maio come trigo, agosto bebe vinho.

—Não é bom o mosto colhido em agosto.

MAU ENCONTRO

Encontrando-a no caminho
Disse-lhe meigo e baixinho,
Um rapaz da freguezia:
—Tão louco ando de amor,
Que trago o *caco* ao redor,
Por tua causa, Maria!

Responde-lhe ella em risadas:
—Para dubar as meadas
Dubadoura não preciso;
Se á roda trazes o *caco*,
Deve ter algum buraco
Que deu fugida ao juizo!

Tornou-lhe, altivo, o rapaz:
—Para o dia de S. Braz,
Orago da nossa aldeia,
Tu verás, com decepção,
Dar-me na egreja a mão,
Mulher que tu menos feia!

Seguiu raivosa a Maria,
A pensar como diria
Cousas que ao rapaz inflamem!
Pois toda a mulher perdôa,
Quando sua alma é boa,
Menos que feia lhe chamem!

A. Cabral.

SANT'ANNA E S. THOMÉ

18.

Os meus muitos affazeres não me permittem ser regular nas minhas desprestigiosas informações. A visita a esta freguezia do ex.mo Pro Vigario, festas e escola teem me tomado todo o tempo.

No entanto, amigos meus, não calculaes a minha satisfação, ao sentir-me forte e bem disposto entre o serviço do senhor e da Patria que de mim exige uma parte consideravel da população d'esta ilha. Muito, muitissimo teria a dizer por este vapor, se o tempo me não faltasse para outros serviços que de modo algum posso adiar. O sentimento religioso d'este povo tem-se manifestado d'um modo brilhante n'estes ultimos dias. Esta épocha é destinada ás festas. A chuva não volta sem que chegue o mez de Setembro, e por tanto póde-se divertir á vontade, porque a chuva não vem damnificar os batuques que se realisam ao ar livre. Nós ahi tambem temos a mesma costumeira; durante o inverno os santos ficam, por assim dizer, esquecidos; vem o verão e não se falla em outras coisas que não sejam festas.

E na verdade, em que é que o nosso povo pensa? Em festas e pouco mais. As saudades quasi que me iam desviando do assumpto que este povo me fornece, para fallar das festas da minha querida terra. Deixando em páz o espirito religioso dos santhomenses, eu vou informar-vos d'nm facto que não sei explicar, mas cuja veracidade não tem contestação. Este povo é muito amigo de ter cães e gatos; pois apesar da grande quantidade de taes animaes, não se dá um caso de raiva.

E digam depois que este povo não é feliz! Se elles tivessem a noção do trabalho, se elles comprehendessem que o trabalho, é um dever que cada um deve impôr a si mesmo, seria o povo mais rico e feliz do mundo. Orgulhosos, indolentes e sempae alegres, fazem-me recordar a fabula da cigarra e da formiga.

Tinha o maximo prazer em saber a data da creação d'esta freguezia, e bem assim a sua historia desde então até ao presente. Nada, porem, posso conseguir por falta de documentos, porque esta gente tem horror á escripta, e o primeiro missionario branco que para aqui foi nomeado é de recente data, 1876. Sabe-se, porém que já em 1640 existia a freguezia de Sant'Anna, composta de um pequeno numero de pescadores.

Hoje são raros os pescadores, porque o pescar, como qualquer outro serviço, é uma coisa humilhante. Disse-vos nas minhas ultimas informações que a egreja estava situada mesmo junto da praia, mas em tempo mais ou menos proximo, teremos uma nova egreja em logar mais proprio, Um filho d'esta freguezia, fallecido em Junho ultimo deixou dez contos de reis para esse fim.

E como a Junta de Parochia é rica, sem difficuldade póde augmentar essa verba, e assim construir-se um bom templo.

Ultimamente chegaram a esta ilha dois agronomos que o nosso governo mandou para estudarem a doença do cacoeiro. Não ha maneira de enveredar por outro caminho. Passam por essas roças uma vida santa, e terminam por se retirarem sem nada ter feito, nem mesmo conhecerem a doença. Para mim são elles os principaes infernos. Sem importancia são, como vedes, as minhas informações d'hoje; no entanto, eu esforçar-me-hei para no proximo vapor escolher assumpto mais palpitante. Talvez vos falle do cacoeiro, a principal fonte de riqueza d'esta ilha. Adeus!

P. Brandão.

Arrematação

No domingo 29 do corrente; pelas 1 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca. e por deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de Maria Pereira de Rezende, viuva, que foi moradora em Vald'agua, de Vallega, hão-de ser postas em praça e arrematadas por quem mais der acima do valor em que vão á praça, as propriedades abaixo declaradas, pertencentes aos menores Maria Emilia e Manoel, netos da inventariada:

Uma leira de terra lavradia, denominada a terra dos cabos, sita em Carvalho de Baixo. de Valega, com servidão activa pelo predio dos herdeiros do Doutor Eduardo Augusto Chaves, no valor de 158$040 réis.

Uma leira de terreno de matto e pinhal, chamado a Quinta do Monte, sita em Bostêllo de Vallega, no valor de 195$040 réis.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

As despezas da praça e de toda a contribuição do registo ficam a cargo do arrematante.

Ovar, 3 d'agosto de 1909.

Verifiquei a exactidão,
O Juiz de Direito,
Ignacio Monteiro.

O escrivão,
Angelo Zagallo de Lima.

VENDA DE PREDIOS

EM

OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furadouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES CADAVAL

(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

BARBEARIA TAVARES

Largo da Praça—OVAR

Encontra-se á venda, n'esta casa, finissimo pó d'arroz, pós e pastas para dentes, elixires e aguas dentrificas, é preciso "Reparador dos cabellos,, excellente para combater a caspa, e magnificas perfumarias e sabonetes.

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvores de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija se a José Leite Brandão, da rua dos Maravalhas.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e nabilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceitam encommendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

CASA

Vende-se uma, na rua das Ribas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Silva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas

OVAR

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas

ARMAZEM DE

CEREAES E LEGUMES

DE

ABILIO JOSE' DA SILVA

CIMO DE VILLA

OVAR

N'este estabelecimento, o mais importante que se acha ao nascente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços os mais rasoaveis do Mercado.

AGRADECIMENTO

A familia do finado José Luiz da Silva Cerveira, assaz penhorada agradece a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento e ás que o acompanharam á sua ultima morada, protestando o seu reconhecimento.

ADEGA DO LUZIO

Do entrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão santinha, tão beata,
Que me sinto... *abeatado*...

Todavia, em *tempo santo*,
Não extranhe, pois, *voceucia*,
Que, mettido n'este *canto*,
Tenha só tratado tanto,
De *limpar a consciencia!*...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem limpinho,
Tão limpinho, que regala,
Deixem lá fallar quem falla,
—Do **Luzio** gastem vinho...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, geropigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — **NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES**

AUNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos **PORTO.**

O GABÃO ELEGANTE

— DE —

AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o

Frio, Vento e Chuva

e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na

ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE

RILEY

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Concertam-se bycicletes

Preços sem competencia

Machinas de Costura das bem conhecidas e acreditadas marca „Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes atelieres de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instrucções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes.

Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas, etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 —OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encommenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encommendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

A LA VILLE DE PARIS — V.ve F. DELPORT, SUCCESSORES — MARCA REGISTADA — PORTO — Rua Sá da Bandeira, 249

Fabrica de corôas

e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar. Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranjeira, e todos os aprestos para flores.

Telegrammas: VILLE - PORTO

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª